

# Apresentação

Este número da *Gragoatá*, dedicado ao tema *Corpo, erotismo e sexualidade*, caracteriza-se antes de mais nada — como não poderia deixar de ser — pela diversidade. Diversidade de temas, de posições políticas e intelectuais, de perspectivas teórico-metodológicas, diversidade de experiências. Nos ensaios aqui reunidos, o exercício do pensamento aparece ligado, de maneira muito estreita, a uma postura de fidelidade à multiforme experiência humana de que as obras e autores analisados dão testemunho. Como se sabe, o campo da sexualidade é particularmente propício a esse desvelamento da imensa variedade e riqueza de percursos pessoais e configurações culturais que marcam a presença humana sobre a terra e de que a literatura é um registro privilegiado.

Temos, assim, estudos que contemplam autores já consagrados pela tradição — como Gil Vicente, Fernando Pessoa, Machado de Assis, Adolfo Caminha ou André Gide — e outros, que se debruçam sobre escritores mais recentes, cujas obras vêm despertando grande interesse dos leitores e da crítica — como é o caso de Adélia Prado, Silviano Santiago, João Gilberto Noll, Caio Fernando Abreu ou Herbert Daniel. Temos ainda estudos que se voltam para linguagens mais particulares, como a do cinema, a da mídia e a da poesia material, e um ensaio dedicado a um espaço urbano num momento histórico específico, o de Berlim durante a República de Weimar. Essa pluralidade de temas e questões dá um perfil sinfônico a este número da *Gragoatá*, que ora apresentamos ao público acadêmico com a convicção de estarmos efetivamente contribuindo, de maneira significativa, para o incremento do debate de idéias entre nós.

Gregory Woods, autor de uma importante *História da literatura gay*, que tivemos ocasião de resenhar para a *Gragoatá* n. 6, oferece-nos agora, em primeira mão, um capítulo inédito de uma obra que está escrevendo sobre cultura homossexual. Nele, estuda a reputação da Berlim dos anos 1920 como “cidade do vício” e a maneira como a subcultura homossexual da capital alemã resistiu à repressão nazista nas décadas subseqüentes, ressurgindo com vigor no pós-guerra.

Leonardo Mendes, autor de *O retrato do imperador*, um livro fundamental para o estudo de *Bom-Crioulo* no contexto do Naturalismo brasileiro, apresenta agora, num magistral ensaio, novas e importantes achegas para a compreensão aprofundada do notável romance de Adolfo Caminha, muito especialmente em suas relações de semelhança e dessemelhança com *O barão de Lavos*, do escritor português Abel Botelho.

José Carlos Barcellos volta-se para o teatro vicentino, registrando aí o surgimento de determinadas configurações de gênero e de sexualidade que viriam a se impor de maneira decisiva na cultura moderna, a saber, a vinculação de desempenho sexual a desempenho social e econômico e o cruzamento da idéia de caráter nacional com a de masculinidade.

Marcus Vinícius Couto Rodrigues procede a um estudo comparativo de *L'immoraliste*, de André Gide, com *Notre-Dame-des-Fleurs*, de Jean Genet, buscando deslindar a dialética entre uma dinâmica de inserção e uma dinâmica de ruptura da narrativa homoerótica em relação ao discurso do poder.

Marcos Machado Nunes apresenta uma leitura de "Uns braços", uma das obras-primas do conto machadiano, com recurso a um instrumental teórico construído a partir da psicanálise de recorte lacaniano. Assim fazendo, contribui para o debate acerca da relação entre o discurso literário e outros discursos, com importantes consequências para a questão da adoção de perspectivas interdisciplinares no âmbito dos estudos literários.

Maria Clara Lucchetti Bingemer, teóloga de renome internacional, volta sua atenção para o estudo da relação entre transcendência e corporeidade na prosa de Adélia Prado. Desse modo, seu ensaio registra no texto adiliano uma dimensão fundamental da experiência da corporeidade e da sexualidade, que é sua relação com o sagrado e com a experiência de Deus, dimensão esta bastante marginalizada na história cultural do Ocidente, não obstante algumas notáveis exceções como Santa Teresa de Ávila ou São João da Cruz, por exemplo. Aliás, outros artigos deste volume, como os de José Carlos Barcellos, Marcos Vinícius Couto Rodrigues, Mário César Lugarinho e Eliane Borges Berutti, também tocam incidentalmente na questão religiosa.

Luiz Morando, autor de teses pioneiras para o estudo da homossexualidade na literatura brasileira, procede a uma leitura vertical de *Meu corpo daria um romance*, de Herbert Daniel, ressaltando todo o investimento político de que a homossexualidade é passível na cultura contemporânea, o que lhe dá, no romance em apreço, o caráter de "registro por meio do qual a desordem e a subversão do estado de coisas se instala".

O ensaio de Bruno Souza Leal propõe uma instigante discussão acerca da noção e eventual abrangência de uma suposta "comunidade homossexual". Peça-chave nas representações identitárias contemporâneas e numa política de minorias, semelhante noção apresenta não poucos problemas, que o autor consegue levantar com competência e equacionar de maneira muito produtiva, por meio da análise de obras literárias e de obras televisivas da atualidade.

Mário César Lugarinho resgata uma importante polêmica que, a propósito da obra do poeta Antônio Botto, envolveu Fernando Pessoa e outros intelectuais portugueses dos anos 1920. Seu estudo cons-

titui uma contribuição ao conhecimento de um capítulo mais ou menos esquecido da história da cultura em Portugal e permite um fecundo diálogo com o ensaio de Fernando Arenas, "Fernando Pessoa, o drama homoerótico", publicado na *Gragoatá* n. 12.

Eliane Borges Berutti apresenta uma ousada e criativa aproximação entre o personagem ficcional Stella Manhattan, do romance homônimo de Silviano Santiago, e Sylvia Rivera, ativista política norte-americana e veterana de Stonewall. Num estilo muito pessoal, em que o testemunho autobiográfico se mistura, de maneira muito feliz, com a análise literária, o texto de Eliane Berutti contribui decisivamente para se alargar o âmbito do debate a outras experiências e identidades, como a dos *transgenders*, muitas vezes ignoradas no próprio âmbito dos estudos *gays* e lésbicos.

Vilma Costa propõe uma interessante reflexão sobre o mundo atual, a partir de uma inteligente aproximação entre o romance *A fúria do corpo*, de João Gilberto Noll, e o filme *Os amantes da Pont Neuf*, de Leos Carax. Num e noutro, a autora explora os vínculos entre encontro erótico e espaço urbano, no caso de "cidades multiculturais e devoradoras de identidades definidas, como Rio de Janeiro e Paris".

Anna Elizabeth Balocco volta sua atenção para a análise de *coming out stories*, tomando como *corpus* de pesquisa os depoimentos de mulheres homossexuais apresentados em uma reportagem da *Revista Época*, de agosto de 2002. Com base numa sólida e refinada fundamentação teórico-metodológica no campo da análise do discurso, a autora desvela as ambigüidades e contradições desse tipo de relato em que, se, por um lado, "estas mulheres continuam prisioneiras da sua linguagem e da sua sexualidade", por outro, não deixam de articular um autêntico discurso de resistência.

Charles A. Perrone apresenta um ensaio pioneiro sobre o erotismo na poesia material brasileira dos últimos cinquenta anos. Do percurso empreendido, conclui pela diversidade das expressões eróticas e pela multivalência da linguagem nas representações concretas e abstratas da sexualidade.

Este número da *Gragoatá* termina com uma resenha de um importante livro do professor e crítico argentino Eduardo Grüner sobre os estudos culturais, intitulado *El fin de las pequeñas historias: de los estudios culturales al retorno (imposible) de lo trágico*. A opção por resenhar essa obra indica o quanto a consideramos relevante para o debate atual na área dos estudos culturais e dos estudos literários e traz embutida a esperança de facilitar sua divulgação junto aos meios acadêmicos brasileiros, que só teriam a ganhar com o estreitamento de relações intelectuais com os ambientes universitários do Rio da Prata.

Em suma, na pluralidade — e eventual complementaridade — de enfoques, temas e questões, que os ensaios deste número apresentam, temos a celebração, política e acadêmica, da diversidade e da di-

ferença. Num certo sentido, o propósito que nos moveu desde o início poderia ser expresso por uma frase muito feliz de Luiz Morando sobre Herbert Daniel, que, com as devidas adaptações, poderia ser ampliada para o conjunto dos textos que temos a honra de apresentar:

Fazer do corpo o ponto de encontro entre o biológico e o político, fazer ressurgir desse corpo a experiência clandestina da política e da sexualidade, fazer convergir para o discurso o conflito manifestado na representação de um corpo "desuniforme" na narrativa — estes parecem ser os papéis, entre outros, reservados à homossexualidade, uma condição marginal tornada central na experiência de Daniel.

É precisamente de condições marginais tornadas centrais no processo de conhecimento e possessão do mundo e da vida que estamos falando aqui.

*José Carlos Barcellos*